

EDUCAR NA E COM A COOPERAÇÃO

José Wnilson Figueiredo¹

Walter Frantz²

Vera Lucia Trennepohl³

Introdução

O presente texto tem como intenção apontar possíveis sendas no tocante à edificação de alternativas político-pedagógicas, engendradas em uma racionalidade cooperativa, com vistas à consecução de outro modo de pensar e agir na vida das escolas e outras organizações sociais do mundo, no que se refere à vivência de uma educação na e para a cooperação, forjada na solidariedade, na colaboração, na reciprocidade e na amizade, como resposta ao atual cenário atual da globalização neoliberal hegemônico, que se imiscui nos espaços educativos, transformando-os em lugares dirigidos pela cultura do ter mais caracterizada pelo individualismo, pela competitividade e pelo lucro. Dessa feita, vamos nos amparar nos princípios do diálogo e da ética em prol da emergência da cultura do ser mais assentada em relações inter-humanas, baseadas na doação, no recebimento e na retribuição, fundadoras de vivências pedagógicas de cooperação entre os seres humanos, bem como entre esses seres e a natureza.

Nos dias de hoje, os seres humanos se deparam e são afetados por uma crise mundial gerada por um modo de pensar e agir organizado a partir de uma racionalidade técnica-instrumental da globalização neoliberal, que vigora em quase todos os espaços das organizações sociais do planeta, fundamentada pela cultura do ter mais.

Cultura esta que se fundamenta em princípios orientados pela lógica da economia de mercado competitiva hegemônica, que se baseia na competitividade, no individualismo, na exploração das pessoas, na destruição da natureza e no lucro. Decorre daí que as relações sociais são estruturadas e organizadas por um pensamento

¹ Graduado em Agronomia e Licenciatura em Matemática. Mestre em Modelagem Matemática pela UNIJUI. Doutorando em Educação nas Ciências pela UNIJUI. Integrante do GEEP - Grupo de Estudos de Educação Popular, Movimentos e Organizações Sociais. Professor do IFC/Campus Concórdia. E-mail: wnilsonfi@yahoo.com.br

² Doutor em Ciências Educativas pela Universidade de Münster/Alemanha (WWU) e Professor da UNIJUI. Email: wfrantz@unijui.edu.br

³ Graduada em Licenciatura em História; Mestra em Educação nas Ciências pela UNIJUI. Doutoranda em Educação nas Ciências. Integrante do GEEP – Grupo de Estudos de Educação Popular, Movimentos e Organizações Sociais. Professora da UNIJU. E-mail :verat@unijui.edu.br.

fundado em uma ética de mercado, que apregoa ações centradas em torno do culto do eu individualista em detrimento de atitudes voltadas e orientadas por relações intersubjetivas engendradas em fundamentos de uma convivência erigida com base em valores fundantes de uma vida calcada em uma ética da reciprocidade.

Essa ética se baseia em valores comunitários do amor, da amizade, da generosidade e da partilha indispensáveis a emergência de ações político-pedagógicas na, com e pela cooperação nos espaços sociais das diversas escalas planetárias (o local, o nacional e o global), bem como por ações de cooperação dos seres humano com a natureza, no que se refere à preservação desta na perspectiva do cuidado e da responsabilidade com as gerações atuais e futuras e com o futuro da civilização e do planeta terra no tocante a prudência que se deve ter com as nossas ações pessoais nos diversos espaços sociais do mundo, no que se refere à manutenção das condições dignas de sobrevivência para todos os seres vivos em escala planetária, conforme o que propõe Jonas (1995):

“Age de tal forma que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica sobre a terra” (p.40).

Em síntese, vivemos num mundo marcado por uma falta de cuidado e responsabilidade com os seres humanos e com a natureza devido ao modo de pensar e agir hegemônico da lógica da globalização competitiva, que adentrou em todos os espaços da vida, impregnando a tudo e a todos a marca de uma economia neoliberal de mercado centrado em corolários vinculados a falsa premissa de um crescimento econômico e um progresso ilimitado a todas as nações do mundo.

Na verdade, o que ocorre na prática cotidiana é que apenas algumas nações do norte global se desenvolvem e crescem economicamente a custa da exploração das nações localizadas no sul global. Essa exploração se desenvolve a partir da lógica da dominação política e cultural dessas nações do norte sobre as nações do sul global, impondo um modelo de economia organizada sob a égide do mercado, que regula todas as dimensões da vida (a política, a educação, a cultura, o social, o ambiental).

Dessa feita, as dimensões da vida ficam submetidas apenas aos critérios da vantagem competitiva capitalista inventada sob o ideário da pedagogia do anti-diálogo, de cunho dominador, promotora de um conhecimento caracterizado pelo não acolhimento da diversidade dos saberes e do não respeito à diversidade cultural existente no mundo da vida e do predomínio da mercantilização das relações sociais.

Como consequência dessa pedagogia da dominação, instaura-se na vida uma racionalidade impregnada de premissas voltadas para as exclusões e as opressões, de diferentes matizes com relação à diferença de classe, sexo, etnia, língua, gênero e religião, produzidas pelos indivíduos, pelas empresas, regiões, nações e continentes que detém o poder econômico sobre aqueles (indivíduos e continentes) e aquelas (empresas, regiões e nações) que possuem menor poder monetário.

Decorre daí que esse modelo pedagógico produz e reproduz um modo de ser na vida direcionado para a luta voraz entre as pessoas e as instituições, que acaba resultando numa luta exacerbada de uns contra os outros onde tudo e todos são submetidos à barganha competitiva do mercado, a qual é forjada na concepção de que somente os povos mais poderosos devem vencer e levar vantagem à custa dos povos subalternos a esse modelo de pedagogia, ou seja, somente os mais fortes ganham em detrimento dos mais fracos. Isso acarreta graves problemas para a humanidade no tocante ao agravamento da privação dos bens indispensáveis a uma vida boa para todos os seres humanos.

Dessa forma em todos os continentes grassa a miséria, a fome a guerra, as doenças, a violência, os desequilíbrios ecológicos de forma generalizada, o desrespeito aos direitos humanos e a opressão das mais diversas ordens. Isto decorre da desigual repartição dos bens necessários a uma vida com dignidade. A respeito disso, Garcia Pérez (2001, p.02) acentua que:

ao longo do século XXI os habitantes da terra passarão de 6.000 milhões para 9.000 milhões; a distribuição dos recursos no planeta é escandalosamente desigual: 20% da população mundial consome 80% desses recursos; muitos milhões de pessoas não desfrutam das mínimas condições de vida: 5.000 pessoas morrem cada dia por beber água contaminada, 1.000 milhões não têm acesso à água potável, 1.000 milhões padecem fome .

Nesse sentido, diante desse quadro de opressão e exclusão social a que está submetida à humanidade na atualidade, surge um movimento dialógico - em todas as regiões de planeta - entre os intelectuais, as organizações e os movimentos sociais empenhados com a mudança do cenário que está em vigor, no que diz respeito à elaboração de sendas relativas à implementação de ações educativas emancipatórias.

Ações estas que são e serão edificadas em torno de um horizonte político-pedagógico capaz de re(inventar) os intercâmbios sociais, numa articulação das diversas escalas planetárias (no local, no nacional e no global), sob a condução de uma nova racionalidade fundamentada no diálogo intercultural e na ética apoiada no

reconhecimento à alteridade de todos os povos do mundo e no cuidado e na responsabilidade com os seres humanos e com o meio ambiente, isto é, que ocorra a reestruturação do pensamento sob novas bases relacionadas à emergência de uma pedagogia ancorada em princípios de uma educação praticada na e com a cooperação, no interior das escolas e demais organizações sociais, edificada na cultura do ser mais.

Para a vivência de uma educação na e com a cooperação: um caminho possível para à consecução de um mundo mais humano e solidário.

Para pensarmos na emersão da prática de uma vida organizada por uma educação na e para a cooperação, nos diferentes espaços da sociedade civil e dos organismos institucionais de governo, é necessário fazer um exercício de reflexão sobre a racionalidade mobilizadora do paradigma do pensamento eurocêntrico hegemônico que se faz presente na organização do modo de agir humano em todas as dimensões humanas (na política, na educação, na cultura, no social e no ambiente).

Esse pensamento eurocêntrico domina praticamente todos os espaços sociais da vida humana no planeta ao impor a racionalidade técnica instrumental que se apóia em valores relacionados à opressão e a exclusão social de grande parte da humanidade, sobretudo dos povos pertencentes à América Latina, África e Ásia, produzida pelo encobrimento dos saberes elaborados nessas regiões e pela colonização do ponto de vista econômico, político e cultural dessas regiões.

Essa colonização ocorre pela imposição de modelos externos de desenvolvimento produzidos no norte global ao sul global, que são conduzidos por uma pedagogia que submete os povos do sul global um modo de agir e pensar dos povos do norte global na maneira de ser. Esse modo de agir e pensar são fundados na lógica do mercado capitalista veiculada pela ideologia da globalização neoliberal. Ideologia esta que propaga uma falsa concepção de uma vida boa para todos baseada no crescimento econômico sustentado pelo culto ao individualismo, a competição e ao lucro, ou seja, se estabelece a cultura do ter mais erigida na busca incessante da posse de bens materiais em que cada indivíduo, organizações sociais, países e continentes lutam entre si com o objetivo de derrotar o outro.

Nessa cultura do ter mais, as relações são pautadas pela guerra. Os pólos das relações não atuam reciprocamente. Ao contrário, o outro é visto sempre como um inimigo em potencial. Enfim, o modo ter mais conduz ao medo, à violência e

consequentemente a desumanização da vida, pois tudo e todos são transformados em objetos a serem trocados sob o viés da lógica competitiva. Como resultado desse processo, há uma monetarização da vida pela adoção do dinheiro como medida de tudo e de todos que compõem o planeta terra. Sobre esse modo de ter mais da globalização neoliberal hegemônica, Fromm (1976, p. 88) esclarece:

No modo ter, não há relação viva entre mim e o que tenho. A coisa e eu convertemo-nos em coisas, e eu a tenho porque tenho o poder de fazê-la minha. Mas há também uma relação inversa: ela tem a mim, porque meu sentido de identidade, isto é, de lucidez, repousa em meu possuí-la (e tantas coisas quanto possível). O modo ter de existência não se estabelece por um processo vivo e criativo entre o sujeito e o objeto; ele transforma em coisas tanto o sujeito e o objeto. A relação é de inércia e de não de vida.

Assim, para a consecução de uma sociedade planetária mais solidária e compassiva é de fundamental importância que se estabeleça ações político-pedagógicas centradas em princípios ancorados na ética e no diálogo no tocante a (re) invenção de um novo pensamento, que se contraponha ao pensamento eurocêntrico vigente na atualidade, no que diz respeito a assunção de uma educação centrada na transformação dos indivíduos em pessoas que estabeleçam intercâmbios cooperativos com as outras e que buscam a igualdade de direitos associado ao respeito às diferenças de gênero, sexo, etnia, classe, religião e língua com vistas ao surgimento de uma vida engendrada na cultura do ser mais.

Cultura esta que é e deve ser exercida por atitudes de reciprocidade uns com os outros na perspectiva da doação, do recebimento e da retribuição dos bens materiais e simbólicos. Assim, a educação como prática de cooperação será construída e vivida com base no modo de ser mais pela ação e a reflexão da teoria e da prática das classes populares, dos intelectuais, dos movimentos e organizações sociais - organizados da sociedade civil - e dos governos comprometidos com a construção e a vivência da prática de um mundo diferente, o qual deve ser ancorado em uma política e uma economia submetida ao diálogo e à ética associada ao reconhecimento à alteridade, ao cuidado e a responsabilidade com todos os seres humanos.

Esse mundo diferente já surgiu em apenas alguns lugares do planeta e ainda está por emergir em escala planetária. Mundo este que será consignado por um novo projeto político-pedagógico de civilização fundado na ação e reflexão dos povos submetidos ao jugo colonial da lógica capitalista competitiva, externa e interna, a partir da adoção do diálogo crítico entre esses povos, que sofrem a opressão colonial, em torno

conscientização da situação opressiva a que estão submetidos. E a partir dessa conscientização, denunciar os males sofridos por essa opressão colonial e anunciar novas possibilidades de possíveis alternativas de mudança social, sobretudo na economia.

Isto é, a partir da denúncia da realidade vivida, governada pela ética da economia de mercado, se anuncie outro mundo possível centrado em uma educação vivida na e com a cooperação com vistas ao surgimento, em escala planetária, de uma economia respaldada na amorosidade, na comunhão e da partilha, a qual será concebida em torno de um horizonte da ascensão de um novo sistema social em substituição ao sistema capitalista predatório. Nessa direção, Arruda (2009 , p.11) escreve que:

Todavia, Educação para uma Economia do Amor expressa uma concepção de mundo de um crescente coletivo de homens e mulheres que entendem que o sistema capitalista não é eterno e que os seres humanos, como lembra o historiador Eric Hobsbawm, não foram feitos para viver sob seu jugo. Homens e mulheres que cultivam a força e a herança histórica da luta daqueles, desde os primórdios da humanidade, buscam superar as relações de classe que cindem e mutilam o gênero humano. Homens e mulheres que cultivam e buscam construir cotidianamente a utopia de relações sociais e educativas de cooperação e solidariedade.

Decorre daí que essa procura de um novo sistema social deve ser construída no reconhecimento ao outro como pessoa como sujeito de direitos em oposição ao culto ao individualismo presente na contemporaneidade, ou seja, que as pessoas edifiquem esse novo sistema social a partir de encontros genuínos, em que almejem ser mais de maneira partilhada. Sobre esse processo da busca partilhada fundada na cultura do ser mais, Freire (1979, p.28) explicita:

Sem dúvida, ninguém pode buscar na exclusividade individualmente. Esta busca solitária poderia traduzir-se em um ter mais, que é uma forma de ser menos. Esta busca deve ser feita com os outros seres que também procuram ser mais e em comunhão com outras consciências, caso contrário se faria de umas consciências, objetos de outras. Seria “coisificar” as consciências. Jaspers disse: “eu sou na medida em que os outros também são”. O homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca.

Portanto é de extrema urgência, no cenário contemporâneo, que se (re) elaborem as nossas práticas político pedagógicas, em âmbito local, nacional e global, em consonância com os princípios da racionalidade da cooperação com vistas a inauguração de um projeto civilizatório ancorado numa educação respaldada no ensino e aprendizagem dos seres humanos numa perspectiva da complementaridade do

intercâmbio cooperativo do modo ser mais em contraposição ao modelo da globalização sustentado na vantagem competitiva do modo ter mais.

Ao contrário da permuta competitiva na qual apenas somente os grupos que detém o poder ganha, devemos promover e realizar ações da sociedade em torno da vivência de intercâmbios forjados na complementaridade e na partilha, em que todos saem ganhando.

Assim, devemos lutar e adotar modelos de educação em sinergia como os modelos de educação de movimentos e organizações sociais que já adotam o princípio cooperativo, como é o caso dos movimentos dos trabalhadores sem terra do Brasil e da cooperativa de Mondragon, na Espanha, em que se baseia na ideia da racionalidade da cooperação centrada na afirmação: eu sou se tu és, a qual se contrapõe ao modo de ser da racionalidade técnica instrumental hegemônica baseada no lema: eu sou se tu não és.

Nesse sentido, reiteramos que para se construir outro mundo possível temos que se atuar em todos os campos da esfera social, sobretudo atuar na educação das escolas de todos os níveis e demais espaços sociais, no que se refere a formação dos agentes educativos e sociais com vistas a mudança da racionalidade de pensamento hegemônico, estruturada na materialidade do dinheiro, por uma racionalidade da cooperação estruturada na ética e no diálogo em prol da manutenção da vida de todos os seres vivos em condições dignas, ou seja precisamos mudar para essa racionalidade, que já se configura em alguns espaços sociais do planeta , a partir do casamento da reflexão e ação prática e teórica em torno da construção de um processos de geração de uma nova civilização forjada paulatinamente no cotidiano das pessoas. A respeito dessa racionalidade Guerrieri (2002, p. 98):

A afirmação dessa nova racionalidade não pode ser uma atividade puramente teórica, pois deve ser acompanhada da realização concreta de alternativas que sustentam a vida humana e da gestação de uma nova civilização. Ela é, sob todos os aspectos, uma ação histórica e não imediata. Sua construção tem um caráter praxiológico, considerando esse termo no seu sentido mais profundo de uma relação dialética entre a atividade teórica e a prática social. Não se trata de elaborar teorias a partir da prática e nem de agir-se fundamentando em determinada teoria, mas no forjamento de uma concepção de mundo que só se dá quando essas duas dimensões estão indissociavelmente unidas.

Essa gestação dessa nova civilização está sendo e poderá ser construída numa rede de intercâmbios prático-teóricos, de diversas experiências autogestionárias, através da interconexão dessas experiências entre as diferentes escalas planetárias, as quais se vinculam a processos de ensino e aprendizagem voltados para uma educação forjadora

de uma civilização cooperativa. Civilização esta constituída e estruturada por Ações entre as pessoas, movimentos e organizações sociais em torno de um novo ethos comunitário engendrado no exercício da política, da economia e da educação com base da cultura da reciprocidade, do cuidado e da responsabilidade com a vida, ou seja que essas ações sejam realizadas com base no ensino e aprendizagem de atitudes e saberes fundados na antropologia do inter-humano.

Esses saberes e essas atitudes, no horizonte da antropologia do inter-humano, são e devem ser elaborados no encontro face a face entre os integrantes das relações centradas no movimento dialógico estruturado no princípio eu-tu (Buber 2001). Ou seja, que esses saberes e essas atitudes emerjam e se constituam através do intercâmbio recíproco entre os sujeitos. A esse respeito, Paulo Freire (2005, p.192) propõe que:

O eu dialógico, pelo contrário, sabe que é exatamente o tu que o constitui. Sabe também que, constituído por um tu – um não-eu -, esse tu que o constitui se constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu um tu. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se fazem dois eu.

Portanto, que se reconstrua – a partir do campo educação – a humanidade perdida pela ascensão e predomínio da lógica do capital ao longo da história humana. Urge voltarmos a ser educados com base no princípio cooperativo humanizador que assegurou que a espécie humana não fosse extinta. Nesse sentido, é urgente que retomemos esse princípio que faz parte das nossas origens, que se perdeu nos caminhos tortuosos da lógica predadora e da exploração do capitalismo. Assim, a partir da crise aguda que vivemos, temos oportunidade voltar a nossa origem como seres cooperativos em substituição a competitividade, deformadora do humano, a que estamos submetidos. A respeito das nossas origens como seres cooperativos, Maturana (1999, p.185) afirma que “A origem antropológica do Homo Sapiens não se deu através da competição, mas sim através da cooperação [...] O que nos faz seres humanos é nossa maneira particular de viver juntos como seres sociais na linguagem”.

Dessa forma, como seres cooperativos sociais devemos sonhar e termos esperança na ascensão de um mundo mais solidário, a partir da utilização da linguagem, na possibilidade de sermos pessoas que atuem nos diversos espaços da sociedade em favor de uma revolução planetária embasada na educação, que se funde no diálogo e na ética apoiada na vida em sua totalidade, isto é, uma educação que eduque para o inconformismo através da denúncia da exclusão social, que domina o mundo inteiro, e da destruição do planeta terra. E a partir dessa denúncia, que as pessoas convivam e

anunciem um mundo praticado por ações político-pedagógicas forjadas na e com a cooperação entre os seres humanos e entre os seres humanos e a natureza, ou seja, que essas ações sejam sempre pensadas a partir da ética em favor da vida de todos os seres (ética ecológica). A respeito dessa ética, Dussel (2003, p.23) diz que ela:

Trata a condição de possibilidade absoluta dos seres vivos, exercida em última análise, no respeito ao direito universal à sobrevivência de todos os seres humanos, especialmente os mais afetados e excluídos: dos pobres do presente e das gerações futuras, que herdarão se não adquirirem uma consciência pronta e global, uma terra morta. A vida é condição absoluta da existência humana, e por isso a vida da terra se chama condição ampliada. Na realidade, a Terra não pode ser destruída, nem tampouco a Natureza (em sua mera constituição física, química ou simplesmente material); o que nela pode ser destruído são as condições para a existência da vida. A vida pode ser destruída.

Assim, diante do relato do Enrique Dussel, fica evidente que temos que mudar urgentemente a racionalidade que vigora atualmente, com base na troca competitiva, para uma racionalidade centrada no princípio cooperativo. Desse modo, a partir da educação, percebemos que é possível essa mudança através da assunção de uma pedagogia que integre diversas correntes de pensamento em torno da ideia de um mundo onde caibam todas as pessoas e que se preservem os recursos do planeta terra.

Essa mudança deve ser elaborada e constituída pelo diálogo, que possibilite a aceitação e o intercâmbio das diversas culturas e dos diversos saberes dessas culturas existentes no mundo, bem como a partir de uma ética de respeito à vida como o todo. Ou seja, que a formação humana dos professores, alunos e demais agentes sociais devem ser mudadas a partir da substituição da formação tecnicista, ligada ao ideário da pedagogia neoliberal das competências, para uma formação vivida na e com a cooperação entre esses agentes e que os conteúdos sejam meios de aprendizagem significativa para refletir e agir sobre a realidade, a partir desses conteúdos, com vistas a construção de uma civilização com base em uma globalização cooperativa sustentada na convivialidade e solidariedade planetária constituída na partilha em substituição a racionalidade do lucro, conforme Tévodédjré (1981, p.183) expressa:

Se é verdade, como diz Jean Ziegler, que “uma escatologia habita na história”, utopia ainda possível de nosso tempo é exatamente “a sociedade planetária construída de maneira rigorosamente solidária, em que a ajuda recíproca ativa substituiria a racionalidade do lucro, em que a busca da felicidade de todos substituiria a miserável razão de Estados e de classe”.

Dessa maneira, a educação pode e é um caminho a ser perseguido – entre as diferentes esferas da sociedade – através da adoção de um ensino e aprendizagem dirigida à essência dos seres humanos (seres cooperativo) com vistas a (re) educação dos seres humanos numa perspectiva da lógica de mundo concebido e construído a partir de uma Pedagogia condutora de uma economia a favor da vida como um todo, conforme afirma Frantz (2009, p.03), “A economia cooperativa pode se constituir em espaço de educação cuja pedagogia conduza a uma nova cultura do trabalho, uma nova cultura de produzir e distribuir riquezas, que permita resgatar o trabalho pela lógica da vida, sem desconhecer os desafios da tecnologia e das técnicas de sua qualificação”.

Portanto, se não quisermos caminhar para a destruição da vida em sua totalidade, a educação na e com a cooperação é e pode ser um dos caminhos para a consecução de uma sociedade planetária solidária como alternativa possível de convivência, em todas as dimensões humanas que compõem as esferas da sociedade, no cenário atual da contemporaneidade em substituição ao modelo hegemônico da lógica capitalista vigente no mundo. Isto é, temos que assumir a vida como um exercício político-pedagógico em prol da cooperação, sob pena de correremos o risco iminente da destruição das condições sócio-ambientais indispensáveis a manutenção de uma vida digna para todos os seres humanos.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Marcos. **Educação para uma Economia do Amor**. Aparecida: Ideias & letras, 2009.
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.
- DUSSEL, Enrique. Alguns princípios para uma ética ecológica de libertação (relações entre a vida na terra e a humanidade). In: PIXLEY, Jorge. **Por um mundo diferente**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FRANTZ, Walter. **Educação para a cooperação**. Disponível em <<https://www.unijui.edu.br/login>> acesso em 06 de setembro de 2013.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FROMM, Erich. **Ter ou ser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- GARCÍA PÉREZ, Francisco F. **Problemas del mundo y educación escolar: un desafío para la enseñanza de la geografía y la ciencias sociales**. Disponível em

<<http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/18/16>>

Acesso em 07 de setembro de 2013.

GUERRIERI, Maurício Abdalla. **O princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade**. São Paulo: Paulus, 2002.

JONAS, Hans. **El principio del responsabilidad : ensayo de una ética para una civilizacion tecnológica**. Barcelona: herder, 1995.

MATURANA, Humberto. **Ontologia da realidade**. Cristina Magro; Míriam Graciano; Nelson Vaz (orgs.). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

TÉVODÉDJRÉ, Albert. **A Pobreza, Riqueza dos Povos: A transformação pela solidariedade**. Petrópolis: Vozes, 1981.